

# SERVIÇO SOCIAL:

Aplicação da ciência e seus antagonismos

Soraya Araujo Uchoa Cavalcanti  
(Organizadora)



2

**Atena**  
Editora  
Ano 2022

# SERVIÇO SOCIAL:

Aplicação da ciência e seus antagonismos

Soraya Araujo Uchoa Cavalcanti  
(Organizadora)



2

**Atena**  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Serviço social: aplicação da ciência e seus antagonismos 2

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Yaiddy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadora:** Soraya Araujo Uchoa Cavalcanti

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S491 Serviço social: aplicação da ciência e seus antagonismos 2 / Organizadora Soraya Araujo Uchoa Cavalcanti. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-939-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.391221802>

1. Serviço social. 2. Questão social. I. Cavalcanti, Soraya Araujo Uchoa (Organizadora). II. Título.

CDD 360

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

A coletânea *Serviço Social: Aplicação da ciência e seus antagonismos 2* apresenta 11 (onze) artigos decorrentes de ensaio teórico, revisão crítica de literatura, pesquisas, dentre outros.

O primeiro artigo discute o conceito de *Questão Social* e suas diversas variações. Assim, utilizando-se da perspectiva crítica desenvolve uma análise marxista dos diversos conceitos de *Questão Social*. O texto seguinte, discute as influências teóricas na produção do Serviço Social elaborando a crítica às expressões contemporâneas do conservadorismo.

O terceiro texto apresenta o produto da análise acerca das mudanças no mundo do trabalho e seus rebatimentos para a atuação do Assistente Social no contexto da sociedade capitalista na contemporaneidade. O artigo seguinte, traz elementos importantes para a discussão da política de saúde no contexto da sociedade capitalista frente aos impactos da pandemia do Covid-19.

O quinto artigo discute Programa Bolsa Família na política de assistência social no contexto do avanço de medidas neoliberais e os desafios ao Serviço Social nessa conjuntura. O texto seguinte apresenta as análises vinculadas a atuação do Assistente Social na política de questão agrária, seus fundamentos e desafios contemporâneos.

O sétimo texto apresenta os resultados da atuação profissional junto à equipe multiprofissional em Unidade Básica de Saúde no atendimento às pessoas dependência química. O oitavo apresenta os resultados da análise bibliográfica do processo de urbanização brasileira a partir do século XX.

O nono artigo apresenta os resultados da pesquisa junto aos motoristas de aplicativo acerca da precarização do trabalho no contexto da pandemia do Covid-19. O décimo texto apresenta os resultados de pesquisa acerca das representações dos alunos sobre o trabalho docente no âmbito universitário.

E finalmente o décimo primeiro artigo apresenta os resultados da pesquisa-ação acerca dos impactos de desastre ambiental e seus impactos na meio ambiente, saúde, economia e condições de trabalho.

Neste contexto, convidamos o leitor a acessar às discussões e análise acerca das singularidades na cena contemporânea e seus impactos na atuação dos profissionais das políticas sociais na sociedade do capital.

Soraya Araujo Uchoa Cavalcanti

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

#### QUESTÃO SOCIAL: UMA CONTRIBUIÇÃO TEÓRICA E CONCEITUAL

Herval de Souza Vieira Junior

Carla Isabel de Oliveira Marinho e Silva

Mara Rosange Acosta de Medeiros

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3912218021>

### **CAPÍTULO 2..... 13**

#### POSITIVISMO, FENOMENOLOGIA E SERVIÇO SOCIAL: CRÍTICA ÀS EXPRESSÕES CONTEMPORÂNEAS DO CONSERVADORISMO

Jorge Vinícios Silva Gondim

Josinete de Carvalho Bezerra

Rafaela Ribeiro Saraiva da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3912218022>

### **CAPÍTULO 3..... 26**

#### AS MUDANÇAS NO TRABALHO E OS DILEMAS ACERCA DO FAZER PROFISSIONAL

Debora Holanda Leite Menezes

Mauricio Caetano Matias Soares

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3912218023>

### **CAPÍTULO 4..... 37**

#### BRASIL: CENÁRIO DE CRISE *EX ANT* E O *EX POST* A PANDEMIA DO COVID-19 EM 2020

Rebel Zambrano Machado

Carlos Nelson dos Reis

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3912218024>

### **CAPÍTULO 5..... 45**

#### POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL NO BRASIL E PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA: APONTAMENTOS CRÍTICOS

Haidée de Caez Pedrosa Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3912218025>

### **CAPÍTULO 6..... 62**

#### SERVIÇO SOCIAL E QUESTÃO AGRÁRIA: REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE ASSISTENTES SOCIAIS NA FETAEMA

Aylana Cristina Rabelo Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3912218026>

### **CAPÍTULO 7..... 73**

#### A ATUAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL NA UNIDADE BÁSICA DISTRITAL DE SAÚDE COM PACIENTES DEPENDENTES QUÍMICOS: UMA EXPERIÊNCIA PRÁTICA NO MUNICÍPIO

DE RIBEIRÃO PRETO – SÃO PAULO

Marcia Maria Soares Batista

Karen Michelle Sgobbi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3912218027>

**CAPÍTULO 8..... 83**

URBANIZAÇÃO E O DIREITO À MORADIA

Andressa Karina Pfeffer Gallio

Marize Rauber Engelbrecht

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3912218028>

**CAPÍTULO 9..... 95**

O MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA ANÁLISE DAS EXPRESSÕES DOS MOTORISTAS DE APLICATIVO UBER

Carlos Nelson dos Reis

Pedro Alberto Cardoso Samuel

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3912218029>

**CAPÍTULO 10..... 103**

ESTUDIANTES Y DOCENTES: MIRADAS SOBRE QUÉ DEFINE A UN BUEN PROFESOR UNIVERSITARIO

Monica Alejandra Gomez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.39122180210>

**CAPÍTULO 11 ..... 113**

SAÚDE, RECONHECIMENTO E INDENIZAÇÕES: AS REIVINDICAÇÕES DOS ATINGIDOS EM TORNO DAS POLÍTICAS DE REPARAÇÃO

Marta Zorzal e Silva

Maria do Carmo Albuquerque

Monika Dowbor

Monnique Greice Malta Cardoso

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.39122180211>

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 131**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 132**

# CAPÍTULO 3

## AS MUDANÇAS NO TRABALHO E OS DILEMAS ACERCA DO FAZER PROFISSIONAL

*Data de aceite: 01/02/2022*

### **Debora Holanda Leite Menezes**

Assistente Social, Doutora em Política Social da UFF e Professora Adjunta da ESS UFRJ, membro do NUPEQUESS

### **Mauricio Caetano Matias Soares**

Assistente Social, doutorando em Serviço Social (UERJ) e membro do NUPEQUESS/ESS UFRJ

**RESUMO:** O assistente social vive dilemas contemporâneos propiciados pelo processo de reestruturação do capital, cujos reflexos atingem o Estado, a sociedade e o mundo do trabalho. Nesse cenário, os determinantes de ordem técnica e política vão afligir o profissional, levando-o a um dilema: submissão à ordem vigente do mercado de trabalho, garantindo a sua manutenção no emprego e, conseqüentemente, a sua sobrevivência; ou superação da ordem em defesa aos princípios éticos políticos, principalmente na assistência social, onde tais impactos são manifestos claramente.

**PALAVRAS – CHAVE:** Mundo do Trabalho, Serviço Social, prática profissional.

### **CHANGES IN WORK AND DILEMMAS ABOUT MAKING PROFESSIONAL**

**ABSTRACT:** The social worker experiences contemporary dilemmas brought about the capital restructuring process, whose about by the capital restructuring process, whose reflexes affect

the State, society and the world of work. In this scenario, technical and political determinants will afflict the professional leading him to a dilemma: submission to the current order of the labor market, ensuring his maintenance in the job and, consequently, his survival; or overcoming order in defense of political ethical principles, especially in social assistance, where such impacts are clearly manifested.

**KEYWORDS:** World of work, social work, professional practice.

## **1 | INTRODUÇÃO**

As intensas transformações societárias que assolam o mundo capitalista no século XXI expressam significativas mudanças em diferentes áreas sejam ela no âmbito coletivo ou no individual. Observa-se mutações na cultura, no Estado, na economia, na política, que redimensionam os papeis tanto do Estado como da sociedade civil em consonância as novas diretrizes determinadas pelo capital como recursos de saída da crise estrutural emergentes no cenário dos anos 1970. Isso reverbera na institucionalização de novas demandas e exigências para as profissões, que devem atender as requisições da população atendida, das instituições contratantes e do mercado de trabalho.

Segundo Netto (1996, p. 88), “as intensas transformações societárias constituem solo privilegiado para o processamento de alterações profissionais”, por isso, deixar de

explorar esse solo é se colocar a margem da reconfiguração sofrida pelas profissões em suas particularidades pratico-social ao curso dessas últimas décadas. Portanto, pretende-se aqui resumir, com base nas fontes secundárias, iluminadas pelo materialismo histórico-dialético, o leque determinante da “nova” face do mercado de trabalho, no Brasil, com foco no Serviço Social.

O cenário brasileiro dos últimos cinco decênios apresenta uma dupla face, por vezes contraditórias, de euforia e luta por conquistas e de passividade e adaptação frente ao desmonte e perdas em todas as esferas da sociedade, resultante das transformações protagonizadas pelo desenvolvimento capitalista mundial. Há de destacar, as mudanças no mundo do trabalho e na organização e implementação das políticas sociais, fato que reflete tanto na execução como na compreensão desse “tsunami” no cerne do Serviço Social.

Nessa guisa, o debate, aqui, se funda no entendimento sobre o trabalho do assistente social, no âmbito de suas competências e habilidades, no sentido de desvelar a obscuridade dos desafios e dilemas profissionais, que colocam o assistente social circunvalado da necessidade de se manter como trabalhador no mercado de trabalho. O que lhe exige competir e assumir posições perigosas em relação aos princípios da profissão expressas na dualidade de seguir metodologias que engessam o seu fazer profissional retomando o perfil de mero executor de protocolos e padrões interventivos, negando a sua competência profissional; ou, de reagir ao processo de padronização, assumindo o papel social de trabalhador intelectual capacitado para analisar e propor a sua ação interventiva e com isso efetivar o projeto ético político da profissão.

Nesse sentido, a direção hipotetizada quer compreender o processo de “protocolização” e normatização do exercício profissional, imposto pelos novos padrões capitalistas a partir da reestruturação produtiva no final do século XX, que reorientou as profissões, configurando nova estrutura, que no caso do Serviço Social, não favorece as práticas interventivas mediadas pela desmistificação da realidade, mas oportuniza a efetivação de uma prática profissional a favor dos ideais neoliberais de desmobilização das lutas sociais e de seleção/minimização da operacionalização da garantia de cidadania.

## **2 | UM “NOVO” MUNDO DO TRABALHO E SEUS DILEMAS**

As grandes transformações societárias produzidas pelo capitalismo no fim do século XX atingiu incisivamente a classe trabalhadora, principalmente, no que tange as suas atribuições no mundo do trabalho. Além da desmobilização política, a supervalorização do individualismo e a fragmentação dos trabalhadores como classe, as exigências do empregador no cumprimento de regras e submissão à padronização das atividades laborativas leva-nos a uma reflexão profícua e significativa do cenário emergente na contemporaneidade.

O ponto de largada é o cenário que fecunda a década de 1970, quando o padrão de

acumulação “rígida”<sup>1</sup> do capital, alimentado pelo “pacto de classes” fordista –keynesiano, apresenta indícios de seu esgotamento, levando os anos dourados do capital ao declínio operado por ondas longas de recessão, as quais expressavam “as contradições imanentes à lógica do capital, especialmente, aquelas postas pela tendência a queda da taxa média de lucro pela superacumulação” (MANDEL APUD NETTO, 1996, p. 90).

Cabe destacar que os “Trinta Anos Gloriosos” ou “Era de Ouro” ou “Anos Dourados” do capital foram proporcionados pela soma de condições que favoreceram a construção da experiência expressa no Welfare State e nos Estados de Estar Social europeu prosperados em meio ao cenário de Guerra Fria, de fundação do Plano Marshall e do desencadeamento de estratégias anticíclicas keynesianas combinadas aos ganhos da produtividade oriunda do fordismo. Esse cenário evidenciava a necessidade do capitalismo de fazer um contraponto civilizado ao ainda recente Estado Socialista. No mesmo mote de reconstrução da Europa por meio de uma integração maior dos trabalhadores no circuito do consumo, da capitulação de segmentos do movimento operário, produzindo a imagem de que o capitalismo dos países centrais havia descoberto a fórmula mágica para combinar padrões de acumulação e equidade. (BERHING; BOSCHETTI, 2006).

Em outras palavras, o capitalismo no Pós Segunda Guerra Mundial protagonizou uma corrida por superlucros. Para tal associou o desenvolvimento tecnológico - como um diferencial na produtividade do trabalho por meio da automação - às formas alternativas de enfrentamento da luta de classe em respostas as requisições dos trabalhadores - por meio das políticas sociais, que refletiram nas mudanças do modo de produção e do enfrentamento da questão social - revelando um grau de maturidade do capital em lidar com a contradição emergentes nas relações sociais de produção, que Mandel (1982) caracterizou como fase do capitalismo maduro.

Todavia, a maturidade não evitou que os investimentos em tecnologia e estratégias para manter os superlucros capitalistas culminassem em uma crise da qual o modelo keynesiano e semelhantes pudessem superar sem mexer na estrutura “protecionista” do Estado. A substituição de trabalho vivo pelo trabalho automatizado nas linhas de produção, a ampliou e a equalizou por um lado, entretanto, por outro gerou o aumento no número de desemprego e de dependentes dos programas de proteção social estatal, sobrecarregando os cofres públicos. Tal fato impacta na necessidade de criar propostas de saída da crise estrutural ao passo que se mantem ou amplifique os lucros.

Uma dessas propostas incidem na forma de produção, o qual passa de sua condição rígida e centralizada para uma condição flexível descentralizada. Tal mudança foi favorecida pela denominada Terceira Revolução Industrial, que operou a substituição da eletromecânica para a eletrônica e a ampliação da informatização do processo de automação. Segundo Berhing; Boschetti (2006, p. 118-119):

O período de acumulação flexível operam três condições necessárias do

<sup>1</sup> Sugere-se uma leitura aprofundada da obra de Harvey, David. Pós-modernidade. São Paulo: Loyola, 2006.

mundo do capital, apreendidas por Marx: o capitalismo orienta-se para o crescimento, condição para a acumulação, independente de consequências sociais, políticas, ecológicas e outras; esse crescimento em valores reais tem apoio na exploração do trabalho vivo, que tem a capacidade de criar valor, ou seja, o crescimento funda-se na relação capital/trabalho, que é uma relação de classe de controle e dominação; o capitalismo é organizacional e tecnicamente dinâmico, já que a concorrência impele para as inovações em busca de maximização dos lucros, o que repercute nas relações capital/trabalho.

Nesse sentido, a nova forma de produção adota uma “flexibilização” do trabalho por meio da racionalização da produção e da intensificação do trabalho, usando como estratégias para enfrentar os desafios da competitividade no mercado globalizado, o modelo de produção toyotista - inspirado na empresa automobilística japonesa Toyota - cuja principal característica é a quebra da especialização extrema do trabalho, exigindo um perfil de trabalhador polifuncional/polivalente. Isso significa, que cada operário da fábrica deve ser capaz de realizar – e efetivamente deve realizar – diferentes tarefas no processo de produção, da mesma forma implementar uma flexibilidade da produção, articulando produção, trabalho e lucro.

A proposta para a linha de produção gerou fecundos êxitos no enfrentamento da crise, mas os louros não são exclusivos dela, mas da sua combinação com outros acontecimentos e processos mundiais. A citar, o da globalização, que ampliou a tecnologia da informação, favorecendo a mobilidade espaço temporal e com isso o controle de uma produção segmentada, horizontalizada e descentralizada no cerne de sua desterritorialização do polo produtivo. Ainda, aliada a Revolução Tecnológica, ampliou o processo de comunicação em massa, conseqüentemente o surgimento de uma nova cultura de consumo. No tocante ao sistema econômico, a globalização ampliou a financeirização do capital, que agudiza os padrões de competitividade Inter monopolista e a articulação supranacional dos chamados megablocos, instituindo um tipo de mundialização das economias.

Cabe assinalar, que a proposta da flexibilização produzira uma reestruturação radical do mercado de trabalho, alterando a relação incluído/excluídos, introduzindo novas modalidades de contratação; gerando uma estratificação<sup>2</sup> do trabalho por gênero, cor, raça e etnia; favorecendo a coexistência de superqualificações e/ou polivalência com a desqualificação do trabalho; e, impondo uma capacidade de decisão requerida pelas tecnologias emergentes. Todo esse conjunto de transformações constituirá no processo de reestruturação produtiva, que acentuará os padrões de exploração do trabalhador e a construção de uma sociedade tardo-burguesa, que mina a classe operaria “tradicional” e constitui uma oligarquia financeira global (NETTO, 1996).

---

<sup>2</sup> Sugere a leitura da obra de Antunes, Ricardo. O privilégio da servidão: o novo proletário de serviços na era digital. São Paulo. Boitempo. 2020.

### 3 | SERVIÇO SOCIAL: TRAÇOS E EMBARAÇOS CONTEMPORÂNEOS

A reestruturação produtiva redesenha não somente o modo de produção, mas também as relações sociais, isto é, a produção e reprodução material e espiritual do trabalho. Nesse cenário está o assistente social, que se insere no mundo do trabalho como profissional especializado, e, por isso, vulnerável a todas essas transformações. Ele tanto sofre como tem de produzir respostas a essas realidades, que atingem a classe trabalhadora e seus dependentes. Ao passo que também se encontra no dilema: submissão a ordem vigente do mercado de trabalho, garantindo a sua manutenção no emprego, conseqüentemente, uma prática conservadora que colide com os interesses da classe trabalhadora; ou a luta em defesa de seus princípios éticos e políticos, por conseguinte, uma prática profissional dialética atentas as transformações societárias e aos seus rebatimentos sobre a classe trabalhadora.

O respeito aos princípios ético e político da profissão exige uma postura do assistente social, que não se prende ao pragmatismo do imediato, não se detém a estigmatização dos usuários, mas que se volta a compreensão dos efeitos do movimento do macro sobre o micro, captando as mediações mistificadas nos fenômenos sociais. Portanto, não há receita de bolo para o enfrentamento dos possíveis dilemas impostos pela realidade social, o que há é a necessidade de estudar e compreender o movimento dinâmico do real e como ele se desdobra na realidade apresentada como demanda.

Dilemas referentes a condução da prática profissional do assistente social confrontada com a sua necessidade de manutenção no mercado de trabalho como trabalhador, ou seja, que lhe seja garantido a permanência e contratação na instituição empregadora. Muitos profissionais entendem que seguir cegamente as determinações institucionais lhe garante a vaga no mercado de trabalho, reproduzindo, portanto, uma prática profissional subalternizada aos interesses institucionais e opostas aos dos usuários. Trata-se da sobrevivência do assistente social, que por ser trabalhador precisa vender a sua força de trabalho em troca de um salário, que lhe exige a retomada de práticas tradicionais.

O retorno as práticas tradicionais, em alguns casos, sequer é detectado pelo profissional, que também não reconhece a sua função social. É essa, a gravidade que deve ser colocada em questão pela profissão. Por que e como isso acontece? Quais são as falhas expressas na formação e na fiscalização da profissão, que permitem tal situação? Em momento algum as linhas tracejadas aqui desconsideram as mudanças no mundo do trabalho, mas evoca como essas demandas exumam provocações, que a vista de um olhar descuidado coloca em xeque os profissionais em sua particularidade e não a reflexão do movimento, ao qual esses profissionais também são vítimas.

O Serviço Social, como uma profissão prático-interventiva, se constitui em uma especialização inserida na divisão social e técnica do trabalho, que tem como objeto a

questão social em suas múltiplas expressões e a “operacionalização dos direitos de cidadania por meio do estabelecimento de nexos entre: as instituições e os serviços sociais que devem prestar; e, os usuários, que movidos por demandas diversas, buscam acesso a esses serviços” (REZENDE, 2006, p. 39). Desta forma, o seu trabalho se inscreve,

também, no campo da defesa e/ou realização de direitos sociais de cidadania, na gestão da coisa pública. Pode contribuir para o partilhamento do poder e sua democratização, no processo de construção de uma contra-hegemonia no bojo das relações entre as classes. Pode, entretanto, imprimir outra direção social ao seu trabalho, voltada ao reforço das estruturas e relações de poder preexistentes, os marcos da cotidianeidade (IAMAMOTO, 2001, p. 24).

Para tal, o Serviço Social, conta com um arcabouço instrumental que extrapola a mera condição de aplicação de técnicas, exigindo, portanto, uma base teórica-metodológica, que contribui para que o profissional desmistifique a realidade social e sobre ela proponha ações interventivas voltadas a preservar e efetivar direitos, sendo assim um profissional que reflete, ou seja, possui uma base teórica que ilumina a sua prática de forma dialética.

Nesse sentido, essa profissão a partir de uma visão crítica embasada na dialética marxista, busca compreender a relação do macro com o micro, ou seja, compreender o contexto sócio cultural, econômico e político do indivíduo e do cenário, no qual ele está inserido, articulados as suas particularidades, cujo movimento produz alternativas para a mudança da necessidade ou da realidade social apresentada pelo indivíduo, justificando claramente a sua inconsistência ao processo de automatização da ação profissional. Logo, a prática profissional exige uma práxis.

Quando o Serviço Social se protocoliza, elimina do seu fazer a reflexão sobre a sua prática profissional e não consegue romper com o senso comum e o imediato tendendo-se a visão de politicismo, messianismo e/ou fatalismo, que lamamoto (2001) salienta os cuidados necessários para prevenir a projeção e reprodução de tais práticas profissionais. Protocolizar a prática profissional é submeter-se a mera execução de tarefas determinadas pela instituição, as quais não exigem e não permitem uma análise de realidade. Até porque tais práticas profissionais são tão automatizadas quanto a rotina das máquinas na linha de produção. Em outras palavras, o Serviço Social perde a sua condição de profissional crítico analítico revoga o papel de mero executor de políticas sociais desenvolvido em tempos de sua gênese no Brasil (NETTO, 2001).

Daí surge questionamentos na seguinte linha, seria isso traços do neoconservadorismo na profissão ou apenas uma reatualização com tons pretéritos dela? Todavia, o debate aqui não busca exibir uma conclusão se é ou não um neoconservadorismo ou qualquer outra vertente que ilumina esse contexto ou que o Serviço Social assuma, mas o de estudar um processo que se cerca de nuances, que com o movimento de reestruturação produtiva após a crise do capital na década de 1970, que consistiu na remodelação da produção e do mercado de trabalho, resultando em novas exigência aos trabalhadores.

Destaca-se desse contexto, a exacerbação do individualismo. O culto as necessidades individuais e a supervalorização dos interesses privados, que sintonizam a sociedade do século XXI aos padrões pós-modernos de busca insaciável da felicidade, a qual parece estar limitada as mercadorias e às conquistas individuais. Isso rebate na consolidação da força coletiva dos trabalhadores. Esses se fragmentam em suas lutas e descentralizam as suas ações desmobilizando e descaracterizando aquilo que em outrora podia se chamar de classe.

A horizontalização das relações de trabalho molda traços falaciosos de que o capital é amigo do trabalhador, convertendo a lógica da produção na exigência de produtividade assimilada pelo trabalhador como meta para a sua ascensão institucional. O produtivismo não passa de mais uma das estratégias de controle do trabalho, centrando a responsabilidade no indivíduo, o que é o único culpado pelo seu insucesso e consecutivamente o da instituição.

Outra face da horizontalização do trabalho se revela nas propostas transdisciplinares que coopta o desavisado a reprodução de práticas imbuídas de conceitos generalistas base da justificativas para os cargos genéricos recentemente institucionalizados. Essa nova faceta no processo de gerenciamento do trabalho coloca em xeque as especificidades das profissões, resultando em um movimento de desespecialização e desprofissionalização das profissões. Agora qualquer profissão pode assumir cargo genérico nas instituições, pois a única exigência que recai sobre esse trabalhador é a capacidade de operacionalizar o conjunto de instrumentais pré-fabricados pela gestão.

A exemplo, podemos citar o trabalho do Psicólogo, quando esse mistura com o do Assistente Social e vice versa, bem como o Pedagogo, na execução das atividades no âmbito das instituições da assistência social. Nesse campo sócio-ocupacional do Serviço Social, ou seja, nos chamados equipamentos prestadores de serviços socioassistenciais, há uma gama de profissionais compondo equipes com rótulo de trabalho interdisciplinar. No entanto, o modo como se operacionaliza as atividades pelos referidos profissionais se eclética produzindo uma modalidade de operacionalização, que não é possível afirmar sua condição de interdisciplinaridade, nem multidisciplinaridade, mas talvez uma transdisciplinaridade ou qualquer outro nome que venha agora justificar, ou melhor, definir a postura desses profissionais, os quais mesclam as suas atribuições privativas com as atribuições privativas de outros profissionais. O que se destina a esses profissionais são as rotinas institucionais e dos programas sociais que não especificam o papel especializado de cada profissional, mas sim do corpo “técnico”.

Referente a isso, o movimento visto pela categoria não é de oposição, mas de uma harmonização dessas relações via construção de cartilhas, parâmetros e demais documentos de orientação produzidos pelo Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), que vão definir o que faz esse assistente social dentro desses campos sócio ocupacionais. Mas isto é um agravante, pois isso se tornar um meio de legitimação da prática profissional protocolizada. Fato, que talvez, adense a lógica do mercado de construção de protocolos

e rotinas e a restrição das ações profissionais a preenchimento de fichas e cadastro apenas para encher os prontuários ou mesmo a regulação de pacientes em Unidades de Pronto Atendimento (UPA), a realização de visitas domiciliares para respostas a protocolos jurídicos e as ações interventivas imediatistas e rápidas em consonância com a lógica da produtividade.

Na gestão, assistente social, é chamado a cumprir marcos legais, segundo a lógica da redução de custo e, por isso é levado a seguir uma padronização de técnicas de caráter manipulatório, que indicam o que e como arguir os usuários, o tipo de pergunta a ser feita, a entoação de voz, etc... bem como o mérito do usuário a acessar tal benefício/serviço.

De fato, todo esse processo vivido não somente pelo Serviço Social, no âmbito do mercado de trabalho, influencia a formação profissional, que também encontra-se em situação delicada, devido as várias investidas de sua formatação em uma “educação-produto”, planejada e disseminada a favor do mercado, quando vista como mercadoria vendável e não como direito e, a favor do empregador, quando posta como instrumento de controle e alienação do trabalhador. O propósito, nessa guisa, é de ampliação do capital humano e social do indivíduo tanto dentro como fora das instituições empregadoras, manipulando e efetivando o enquadramento institucional e social dos sujeitos, resultando em padrões de consumidores, trabalhadores, eleitores, etc

A visão equivocada do Serviço Social, como profissão vocacional ligada a prática da ajuda firma uma simbiose a visão de profissão de militância pautada em valores anti-capitalista romântico e humanista-cristão, reduzindo o compromisso a boa vontade do profissional, produzindo posturas voluntaristas, messiânicas e psicologizantes, justificadas no “pluralismo”, que em sua significância inexistente nesse palco favorecedor de um exercício profissional cada vez mais funcional ao projeto reformista- burguês, facilmente visível na atuação na assistência social.

Ademais o mercado de trabalho do assistente social direciona e centraliza a sua ação nos sujeitos e nas famílias, voltada à produção de respostas paliativas e imediatistas com aparente humanização da política acobertada de intervenções disciplinadoras em nome de um suposto “empoderamento”, fortalecendo o processo de culpabilização e criminalização dos indivíduos das mazelas sociais.

No contexto das políticas sociais, a sua face de assistencialização, com projetos focalistas e minimalistas com foco na pobreza absoluta, chama o assistente social para atuar em seleção, distribuição e controle de benefícios, com destaque para os de transferência de renda, rotulam os profissionais a mero administradores da pobreza.

Uma das resultantes desse perfil coloca o Serviço Social como profissão que aplica ações voltadas a administração de conflitos sociais, oferecendo respostas instrumentais, entendidas como técnica ou tecnologia social para administração da pobreza, que promovem “resiliência”, “ressocialização”, operando respostas de caráter reformista-integrador, apoiado em compreensões teóricas das correntes positivistas.

Outra resultante, a “*protocolização*” é a ação de orientar uma prática, um exercício profissional por meio de protocolos, modelos ou padrões definidos de respostas às demandas do cotidiano. Em geral, esses protocolos são criados por outro profissional (ou por técnicos de programas), e não pelo seu executor, tirando a sua autonomia, pois este processo habilita-o apenas para uma ação prática e técnica, na qual ele não é o protagonista de sua intervenção.. Fator que interfere na finalidade dada pelo Serviço Social ao objeto, inibindo o alcance do objetivo desenhado de transformação da realidade expressa em uma nova realidade, desmistificada e pautada em valores éticos e políticos. A exemplo tomemos o Prontuário SUAS e o CADÚnico.

Nota-se aqui mais uma façanha da “*protocolização*”, a qual não atinge apenas os profissionais, mas também os usuários, os quais são feridos no direito de resguardo de suas informações e confidências ao assistente social.

Diante desse quadro, a “*protocolização*” aposta na desespecialização do exercício profissional, por meio da substituição do trabalho complexo por atividades simples. Desta forma a “*protocolização*” funciona como viés que acoberta o plano de alienação e controle total do trabalhador, colocando-o no exercício de atividades, nas quais ele pode ser facilmente substituído.

Uma comprovação dessa “substituição de competência” no Serviço Social está no discurso profissional, que assume nomenclaturas institucionais ou da própria política social, a saber, o entendimento de instituição como “equipamento”; a organização de recursos como otimização do orçamento; o atendimento como “acolhimento”; a queixa como desabafo; a crítica como rebeldia; a inconformidade como ausência de compreensão; a negligência como algo natural; a entrevista como cadastro; o usuário como beneficiário; o direito como mérito; o espaço como “território”; o atendimento em grupo como terapia; a articulação para ação profissional como “rede”, entre outros.

## **4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em conformidade com a análise de lamamoto (2001), o pragmatismo que invade o mercado de trabalho prende o Serviço Social a uma visão fatalista, impossibilitando que o profissional rompa com as atividades padronizadas, mecanizadas e rotineiras, reduzindo a ação profissional à condição de mero emprego. Ademais, propaga a visão de que há uma diferença entre a teoria e a prática, desqualificando a formação crítica e direcionando para uma formação mais “técnica”. Tal formação definiria o novo perfil do profissional de Serviço Social no mercado de trabalho, que seria aquele que se submete a lógica da mera execução técnica de instrumentais, sem analisar a realidade, reproduzindo a ideologia dominante e a alienação a favor da manipulação dos indivíduos para a manutenção de uma “ordem” em prol da acumulação capitalista.

Neste contexto, o assistente social migrará da imediaticidade e superficialidade

para a particularidade e essência do objeto que se apresenta, de forma articulada com as particularidades do mesmo, e por meio do movimento dialético construir caminhos que levarão à transformação idealizada e pactuada com valores e princípios defendidos pela profissão, como a liberdade e a democracia.

A “*protocolização*” é um processo que emerge em meio as vastas transformações societárias, que atinge o mercado de trabalho nos últimos 20 anos, fruto de um esforço global de reestruturação econômica do capital, que excedeu a dimensão das forças produtivas. O Estado foi remodelado em nome de um mercado livre, negligenciando a sua condição de provedor via políticas sociais em detrimento ao fortalecimento de um mercado, que mercantiliza as relações sociais e impõe novas regras de sociabilidade, pautada na ideologia individualista apregoadora de uma liberdade, que escraviza no ditame do consumo.

As mudanças são severas e se manifestam na refuncionalização das profissões, por meio da desprofissionalização, desregulamentação e desespecialização do trabalho. Nesse contexto, emerge novas formas de gerenciamento de pessoas e do trabalho, palco onde o processo de “*protocolização*” se concretiza.

Tal processo alude a uma tecnificação do trabalho de modo padronizado, centralizado, limitado, que automatiza a prática profissional e tira do trabalhador o domínio sobre o processo de trabalho a favor do seu enquadramento a regras e rotinas institucionais, que exibem uma face humanizada e flexível para a sua execução escamoteando o aprofundamento do processo de controle e desmobilização do trabalhador.

Os reflexos desse processo, em profissões como a de Serviço Social, trazem à tona a revigoração de um passado, cuja a história buscou romper, centrado em ações fatalistas e messiânicas, formatadas pelo *ethos* burguês de dominação e de controle. A chave da ruptura estava no reconhecimento do objeto de intervenção do profissional e na construção de seu conhecimento científico de forma a compreender a totalidade na qual ele está inserido, e, assim produzir uma proposta crítica de intervenção capaz de formular, elaborar, criar caminhos em defesa da liberdade e da democracia.

Não se trata aqui de uma visão romântica da profissão, colocando-a como “salvadora”, isso seria reproduzir as bases conservadoras, mas sim de apontar as perdas na autonomia, na competência e na intelectualidade da profissão tão duramente conquistada pelo movimento da categoria na busca do significado social da profissão. Isso impacta a profissão revelando que ela não está imune ao grande movimento do capital e as mudanças por ele determinado na construção das estratégias de manutenção e ampliação da acumulação.

Fato que endossa a necessidade dos profissionais de Serviço Social ir para além da profissão e continuar buscando a compreensão do cenário sócio-histórico, que o atinge medularmente, em especial, o seu exercício profissional em todas as dimensões de sua prática.

A “*protocolização*” traz consigo uma racionalidade tecnológica, que infere sob a interpretação da realidade social, construindo uma face a favor do redimensionamento das relações sociais e de produção. Se considerarmos a lógica tecnológica como uma ideologia (GUERRA, 2014), entenderemos que ela põe em voga a valorização de relações moralizantes e conservadora, não pluralista, de criminalização dos movimentos sociais coletivos e de exclusão de tudo aquilo esteja fora dos padrões capitalistas.

Tais particularidades desvendam a fragilização do exercício profissional e com ela a perda do protagonismo político e social da profissão e o seu enquadramento aos moldes individualista do mercado em detrimento ao compromisso com o trabalho coletivo, desmobilizando os movimentos da categoria tanto como profissão quanto na condição de trabalhador, adensando ao seu exercício profissional uma prática de visão despolitizada da questão social, reprodutora da lógica capitalista.

## REFERÊNCIAS

BERHING, Elaine R; BOSCHETTI, Ivanete. **Política social: fundamentos e história**. São Paulo: Cortez, 2006. Biblioteca Básica de Serviço Social.

GUERRA, Yolanda D. Transformações societárias e serviço Social: repercussões na cultura profissional. In: MOTA, Ana E; AMARAL, Ângela. **Serviço Social brasileiro nos anos 2000: cenários, pejeas e desafios**. Editora UFPE: Pernambuco, 2014, p. 45 – 52.

IAMAMOTO, Marilda V. **Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. São Paulo: Cortez, 2009.

IAMAMOTO, Marilda V. **O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. São Paulo: Cortez, 2001.

MANDEL, Ernest. **O capitalismo tardio**. São Paulo: Abril Cultura, 1982. Coleção os economistas.

NETTO, José P. Transformações societárias e Serviço Social: notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil. **Revista Serviço Social & Sociedade**, n. 50, ano XVII, Cortez, São Paulo, abril de 1996.

REZENDE, Ilma. Serviço Social: sua especificidade como profissão prática-interventiva. In: REZENDE, Ilma; CAVALCANTI, Ludimila F. **Serviço Social e políticas sociais**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, Série Didáticos, 2006, p. 25 – 46.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acumulação do capital 2, 45, 46, 50

Assistente social 1, 18, 19, 23, 26, 27, 30, 32, 33, 34, 37, 58, 59, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 77, 80

### C

Capitalismo mundial 37

Classes dominantes 38

Classe trabalhadora 2, 8, 9, 14, 17, 21, 22, 23, 24, 27, 30, 45, 47, 48, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 83, 100

Classe trabalhadora rural 62

Combate à pobreza 22, 45, 46, 51, 56

Conservadorismo 13, 14, 18, 19, 22

Covid-19 37, 39, 42, 43, 95, 97, 98, 99, 100, 102

### D

Dependência química 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81

Desigualdade estrutural 37

Divisão social e técnica do trabalho 18, 30, 47

Docentes universitarios 104

### E

Educación superior 105, 106

Equipe multidisciplinar 75, 76, 77, 78, 80

Estudantes 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111

### I

Industrialização 14, 47, 48, 49, 67, 84, 85

Informalidade 49, 50, 84, 96, 100, 101

### M

Materialismo histórico dialético 63, 83

Mercado de trabalho brasileiro 95, 96, 100

Mundo capitalista 26

Mundo do trabalho 21, 26, 27, 30, 100, 101

## O

Ordem social hegemônica 63

Organização Mundial da Saúde 39, 75, 82

## P

Política de assistência social 11, 45, 46, 52, 53, 54, 60

Políticas públicas 12, 68, 70, 71, 75, 80, 81, 84, 89, 90, 91, 92, 93, 114, 120, 129

Problemas sociais no capitalismo 3

Processo social da urbanização 84

Programas de transferência de renda 45, 46, 51, 61

Projeto ético-político do serviço social 25, 63, 64, 66, 71, 72

Projeto societário 63, 64

## Q

Questão agrária 62, 65, 66, 67, 68, 69, 71

Questão social 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 28, 31, 36, 39, 41, 45, 46, 47, 48, 51, 58, 66, 67, 71, 76

## R

Reestruturação produtiva 21, 24, 27, 29, 30, 31, 51

Reformas estruturais de orientação neoliberal 96

## S

Saúde pública 42, 43, 44, 73, 75, 76, 77, 117, 130, 131

Serviço social 1, 5, 6, 7, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 44, 45, 46, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 83, 95, 102, 131

Sistema capitalista 8, 10, 20, 22, 24, 37, 47, 57

Sistema Único de Saúde 40, 43, 50, 119, 131

Sociedade capitalista 2, 3, 5, 47

## T

Teoria marxista 19, 24

Trabalho em tempo parcial 96

Tradição marxista 4, 8

Transformações societárias 26, 27, 30, 35, 36

## U

Urbanização brasileira 83, 84, 85, 94

# SERVIÇO SOCIAL:

Aplicação da ciência e seus antagonismos

2

-  [www.arenaeditora.com.br](http://www.arenaeditora.com.br)
-  [contato@arenaeditora.com.br](mailto:contato@arenaeditora.com.br)
-  [@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)
-  [www.facebook.com/arenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/arenaeditora.com.br)

# SERVIÇO SOCIAL:

Aplicação da ciência e seus antagonismos

2

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 @atenaeditora

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)